

Prova de fé

Depois do acidente, o pastor refletiu sobre a razão para ter sido alvo daquela tragédia

Por BRYAN SMITH

54

UM VENTO frio fustigava o ar da noite quando Wes Anderson, 34 anos, entrou no sedã prateado. Eram 20h30 do dia 7 de março de 1994 e o corpulento ministro da Igreja Cristã de Carmichael, em Sacramento, Califórnia, havia terminado uma reunião com vários membros da igreja.

FOTOS: © KRISTEN PETERSON

55



– Boa noite, pastor! – gritou um membro da congregação.

– Obrigado – respondeu Wes.

Em seguida, advertindo gentilmente com o sotaque do Tennessee, acrescentou:

– Espero ver todos vocês no domingo.

Wes estudava Direito na faculdade quando se sentiu chamado para a igreja. Ingressou na Carmichael em 1992, e a congregação de 110 fiéis recebeu de braços abertos aquele homem simpático de sorriso generoso.

Enquanto dirigia para casa, Wes viu uma de suas fiéis, Dorothy Hearst, 78 anos, envolvida em um acidente de carro. Parou para ajudar e ficou aliviado ao perceber que ela estava apenas um pouco abalada. De repente, viram faróis que se aproximavam em alta velocidade.

– Dorothy! – gritou Wes. – Ele vai bater em nós!

Wes empurrou-a para longe no momento em que uma caminhonete lhe atingia o lado direito, esmagando-o contra o carro de Dorothy. A perna direita do pastor explodiu em dor. Ele ficou contorcendo-se no asfalto, com a perna quase arrancada.

Quando a ambulância chegou ao Centro Médico da Universidade da Califórnia em Davis, o médico colocou nas mãos do pastor um formulário de autorização para cirurgia:

– Não há como dizer isto de outra forma – afirmou. – Talvez seja necessário amputar sua perna direita.

POUCO DEPOIS da cirurgia, Wes sentiu câibra agonizante na panturrilha direita. Esticou o braço para massagear a área, mas recuou. Não havia nada lá.

A dor fantasma – sensação física experimentada por amputados quando o cérebro sinaliza que o membro ainda existe – vinha e vol-

tava como assombração torturante. A cada vez, ele se encolhia com a dor brusca e aguda na perna que não possuía mais. Tudo por causa de James Allen Napier – que dirigia embriagado e ficaria apenas oito meses na cadeia.

Com o passar dos dias, Wes entrou em depressão. As cirurgias deixaram a outra perna coberta de cicatrizes. Os

vergões vermelhos no estômago eram como um mapa, indicando os locais de onde fora retirado o tecido para enxerto.

– Não é justo! – lamentava-se com Mike Cook, seu amigo e pastor da igreja Sylvan Oaks. – Queria ter mulher e filhos um dia. Que mulher me amará com tantos ferimentos e cicatrizes?

– A vida não é justa – respondeu Mike. – Mas deveria ser? Você viu

A perna direita
do pastor
explodiu em dor.
Ele ficou
contorcendo-se
no asfalto, com a
perna quase
arrancada.

fatos terríveis acontecerem a boas pessoas. Lembre-se, Wes, você salvou uma vida. Sei que é difícil acreditar, mas Deus tem seus motivos.

Wes olhou para longe. Ele também aconselhara seus fiéis a manterem a fé em época de dificuldades. “Deus sempre tem um plano”, dissera. “Confie na vontade Dele.” Entretanto, as palavras que considerara tão poderosas subitamente pareciam pequenas.

Um repórter do jornal *Sacramento Bee* telefonou-lhe querendo marcar entrevista. O instinto de Wes foi dizer não; ele não queria ser retratado como herói. O repórter prometeu apenas narrar o que acontecera, e Wes finalmente cedeu. *Quem sabe, pensou. Talvez seja benéfico para alguém.*

VIRGINIA BRUEGGER jogou o *Sacramento Bee* do dia 16 de março de 1994 em uma pilha ao lado da cama. Como sempre, mal acreditava que conseguira chegar ao fim do dia. Primeiro, o carro não pegou; então ela perdeu o ônibus. Durante o último ano e meio, aos 38 anos, divorciada, Virginia adotara rotina implacável de aulas, estudo e estágios para obter o diploma de Psicologia na Universidade da Califórnia em Davis. Agora, no último ano, na véspera das provas, seu apertado orçamento estava esticado até o limite.

Naquela noite, acabara de se instalar na mesa da cozinha para estudar quando o filho de 16 anos, Ste-

ven, teve uma intoxicação alimentar. Às 3 horas da madrugada, Virginia arrastou-se para o quarto, exausta. De súbito, o estresse a dominou. *Estou agindo da forma correta?*, perguntou a si mesma. *Serei capaz de conseguir emprego após a formatura?*

Certa manchete do jornal atraiu-lhe o olhar: “Pastor perde a perna ao salvar mulher em acidente de carro.” Procurou a matéria e começou a ler.

Meu Deus, pensou, o que esse homem sofreu! Virginia deteve-se na justificativa do pastor para contar sua história. “Para que isso ajudasse a colocar a vida das pessoas no caminho espiritual correto.”

É como se estivesse falando diretamente comigo. Virginia tivera educação cristã na pequena cidade de Bushton, Kansas. Após o divórcio, porém, afastara-se da fé. Agora, mal conseguia recordar algumas preces.

Quando surgiu o sol da manhã, lembrou-se das aulas que começariam poucas horas depois. *Hoje não,* Virginia pensou. Algo lhe dizia que tinha de conhecer aquele homem.

WES ACABARA de acordar da sétima cirurgia em dez dias e não sabia o que fazer com aquela mulher à porta, carregando um vaso de planta. Os olhos castanhos e brilhantes eram tímidos, até que ela sorriu. Então, todo o rosto se iluminou.

— Só queria agradecer-lhe — começou Virginia, procurando as palavras.

O que direi a ele?, perguntava-se. Dezenas de cartões estavam empilhados na mesa-de-cabeceira ou afixados na parede próxima à cama. Em todos os cantos havia flores enviadas por amigos, pela família e pela congregação. Com certeza, a história de Wes emocionara muitas outras pessoas além de Virginia.

– Li a reportagem no jornal e precisava lhe dizer o que sua história fez por mim – disse Virginia. – Mudou meu ponto de vista sobre o que estou vivendo. Tenho passado por uma fase difícil.

Será que falei em tom de lamúria? Afinal, esse homem passou por verdadeira provação, e não apenas algumas preocupações com contas a pagar e estudos.

A expressão de Wes deixou-a mais confiante:

– Sua história ajudou-me a perceber que precisava retomar o relacionamento com Deus.

Wes avaliou a estranha. Desde que chegara ao hospital, quase não tivera um momento livre de dor. Agora, sua mente estava menos voltada para si mesmo e mais preocupada em saber como poderia ajudar.

– Você frequenta alguma igreja? – perguntou.

Virginia negou com a cabeça. Era tão simples. *Ele foi direto ao ponto*, pensou, e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Wes apertou-a, mas re-

tirou a mão um pouco rápido demais. *Espero que não tenha sido muito atrevida*, pensou ela.

Wes não tivera a intenção de parecer arisco. Foi instintivo. Ainda se sentia ferido e exausto. Era engraçado que ela lhe agradecesse. Por algum motivo, ele é quem se sentia melhor.

UMA SEMANA depois de conhecer Wes, Virginia encontrou uma igreja perto de casa e lhe enviou um bilhete. Visitou-o pela segunda vez duas semanas depois. Eles trocaram comentários sobre suas vidas, discutiram o curso delas e as perspectivas de emprego, e conversaram sobre como a fisioterapia dele estava progredindo.

É tão fácil
conversar com
ele, pensou
Virginia, ao
voltar para casa.
Sentiu-se tomada
por sentimento
inexplicável.

É tão fácil conversar com ele, pensou Virginia, ao voltar para casa. De vez em quando lhe enviava um bilhete ou aparecia no hospital.

Cerca de dois meses após o acidente, Virginia telefonou para Wes.

– Vou receber alta hoje! – exclamou ele, quase incapaz de conter o entusiasmo.

Depois que desligaram, Virginia sentiu-se tomada por um sentimento inexplicável. Pegou o carro e correu para o centro médico.

– Que está fazendo aqui? – perguntou Wes, surpreso.

– Não tenho certeza – respondeu



Aos Poucos– “Não foi fácil mostrar a Wes que meu interesse por ele não era apenas compaixão”, conta Virginia.

Virginia, vacilante. – Apenas achei que precisava estar aqui.

– Bem, estou feliz que esteja – disse ele, sorrindo.

Quando se aproximaram da pequena igreja, os olhos de Wes encheram-se de lágrimas. Na cerca preta de ferro trabalhado, dezenas de laços amarelos desabrochavam como flores. Crianças da escola primária da igreja pulavam, acenando

para o carro. Faixas anunciavam: “Amamos você! Bem-vindo ao lar, senhor Anderson!”

Virginia também chorou.

EM JUNHO, vestindo beca, Virginia percorreu com orgulho o corredor do auditório e colou grau. Impossibilitado de comparecer à formatura por causa de

obrigações da igreja, Wes enviara flores. Algumas noites depois, os dois amigos e seus pais reuniram-se para jantar. Tinham muito em comum. Os pais de ambos estavam casados há mais de 40 anos e os filhos haviam sido educados na Igreja Metodista.

– Você até fala como eu! – provocou Wes.

– Posso ter a fala arrastada – rebateu Virginia. – Mas também não exagere.

EM CASA, WES terminou de abotoar a camisa, preparando-se para ir à igreja. De repente, sentiu-se caindo para trás. Desabou diretamente no coto da perna e gritou de dor.

Passou os nove dias seguintes na cama. Sempre se orgulhara de ser independente e forte. Agora, a dúvida e a depressão o dominaram.

Começou até a questionar o relacionamento com Virginia.

– Gosto dela de verdade – comentou com Mike. – Mas tenho medo de que seja apenas paixão da parte dela. Nunca fui um galã de Hollywood, mas olhe para mim agora!

– Wes, você não é nada menos do que era antes do acidente – disse Mike. – O importante é o que está dentro de você.

VIRGINIA NÃO TINHA notícias de Wes há vários dias. Pensava no último encontro, a visita ao Monumento Nacional de Muir Woods. *Será*

que fiz algo errado? Haviam conversado abertamente sobre o divórcio dela, oito anos antes, e a luta por uma vida melhor para si mesma e o filho Steven.

Quando saíra com outros homens, preocupara-se com o que poderia acontecer. Com Wes, esses pensamentos nunca a perturbaram. *Ele é diferente dos homens que já conheci*, pensou Virginia.

Finalmente Wes telefonou, convidou Virginia para ir ao parque e a surpreendeu indo buscá-la de carro, recém-adaptado para a perda da perna.

Sob o céu estrelado, observaram os fogos de artifício.

– Eu estava começando a me perguntar quando veria você de novo – disse Virginia.

– Desculpe – respondeu Wes. – É que não tenho o hábito de namorar. Se saio com alguém, considero que seja algo sério. Valorizo muito a sua amizade e não gostaria de colocá-la em risco. Eu...

Virginia interrompeu-o:

– Wes, antes que você continue...

Wes olhou para o chão. *Esta é a parte em que ela dirá: vamos ser apenas amigos.*

– Você precisa saber que me preocupo com você como uma pessoa – continuou Virginia – e não me interessa se tem uma perna ou duas. Para mim, você é um homem completo, uma pessoa maravilhosa.

Wes ouvia, aturdido:

– Amo você – disse ele, com a voz embargada pela forte emoção.

– Também o amo – respondeu Virginia.

Pela primeira vez se beijaram.

NAQUELA PÁSCOA, Wes e Virginia ajudaram a organizar um ofício matinal ao ar livre. Wes lutava contra a grama molhada na perna artificial e perdeu o equilíbrio. Desabou no chão, sentindo as antigas pontadas de raiva, frustração e dúvida.

Virginia correu para o lado dele, mas Wes não olhou para cima, temeroso do que veria. *Medo? Pena?* Nunca duvidara dela, mas estava se sentindo tão vulnerável! Um homem adulto, porém indefeso.

Naquele momento, a verdade ficou clara para ele.

Concentrei-me no exterior, mas era meu interior que realmente precisava de cura.

Virginia e uma colega ajudaram Wes a se levantar. Ele estava abalado e envergonhado. Entretanto, não sentia mais medo.

É o que sou, compreendeu. Um homem que cairá às vezes, e sempre se

levantará, mais forte a cada vez.

Em 27 de maio de 1995, Wes entrou por uma porta lateral e subiu ao altar da Igreja Cristã de Carmichael, vestindo *smoking* branco e segurando uma bengala preta. Olhou para a porta principal enquanto Virginia, em um vestido branco bordado, entrou acompanhada pelos pais.

A igreja estava cheia na cerimônia de casamento celebrada por Mike Cook.

“Dois são melhores do que um”, disse Mike, lendo o Eclesiastes. “Se um deles cai, o outro poderá ajudá-lo. Mas pobre do homem que cai e não tem ninguém para ajudá-lo a se levantar.”

Quando a cerimônia terminou, Wes viu-se em frente à escadaria que levava ao jardim da igreja. Apoiado na mão de Virginia, desceu degrau por degrau, até que chegaram ao chão.

Passara-se pouco mais de um ano desde que Wes perguntara a si mesmo sobre os planos de Deus.

Agora ele sabia.

CABELOS APARENTES



Tendo cabelos naturalmente louros, fiquei farta das piadas de meus filhos adolescentes sobre louros burras. Certo dia resolvi fazer uma transformação total e tingi meu cabelo de castanho-ruivo. Meus filhos estavam assistindo à televisão quando apareci de “cara nova”.

Meu filho do meio desviou o olhar do programa a que estava assistindo apenas o suficiente para comentar: “Optando pela inteligência artificial, hein, mãe?”

—BARBARA L. MOORE, *EUA*